



CARTOGRAFIAS DA ERRÂNCIA E A LEGIBILIDADE SENSÍVEL: CAMINHOS PARA UMA GEOGRAFIA DESPATOLOGIZANTE

Janaina Gaby Trevisan ¹
Karina Rousseng dal Pont ²

RESUMO

O presente trabalho constitui parte da pesquisa de doutorado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná. Apresenta como questão mobilizadora a problemática da efetividade das garantias, do ponto de vista das práticas institucionais, sobre segurança alimentar para crianças autistas. Neste texto, apontam-se reflexões teóricas sobre parte de estruturação metodológica que se pretende levar à campo nos desdobramentos subsequentes da pesquisa. Como premissa para a investigação, desponta-se a importância das imagens como fonte de conhecimento dos espaços alimentares de crianças autistas que frequentam os Centros de Educação Infantil Municipal (CEIMs) de Pinhalzinho (SC). Na busca de diálogos despatologizantes que ajudem pensar a promoção da saúde na ciência geográfica, assinalam-se interlocuções teóricas entre as linhas de errância de Fernand Deligny, enquanto ponto de partida cartográfico, e a ideia de legibilidade de Georges Didi-Huberman, como postura metodológica situada na leitura política de imagens. Neste encontro, entre Deligny e Didi-Huberman, revela-se um tipo de atenção às imagens que se pretende produzir, com as crianças autistas, que não terá por finalidade integrar-se ao discurso medicalizante, mas sim, assegurar a presença de outros modos de existência que não se deixam capturar pela narrativa da anomalia. Enseja-se aproximar o debate epistêmico da Geografia da Saúde, através de registros imagéticos que possam produzir elementos para uma discussão sobre a despatologização da vida. Espera-se corroborar com a análise dos espaços alimentares e geográficos que se abrem à legibilidade das imagens, identificando nos registros a potência das subjetividades de vida das crianças autistas.

Palavras-chave: Crianças autistas, Imagens, Legibilidade, Linhas de errância, Espaço alimentar.

RESUMEN

El presente trabajo constituye parte de la investigación doctoral en curso en el Programa de Posgrado en Geografía de la Universidade Federal do Paraná. Presenta como cuestión movilizador la problemática de la efectividad de las garantías, desde el punto de vista de las prácticas institucionales, sobre la seguridad alimentaria para niñas y niños autistas. En este texto, se señalan reflexiones teóricas sobre parte de la estructuración metodológica que se pretende llevar al campo en los posteriores desarrollos de la investigación. Como premisa para la indagación, se destaca la importancia de las imágenes como fuente de conocimiento de los espacios alimentarios de niñas y niños autistas que asisten a los Centros de Educación Infantil Municipal (CEIM) de Pinhalzinho (Santa Catarina). En la búsqueda de diálogos despatologizantes que ayuden a pensar la promoción de la salud en la ciencia geográfica, se señalan interlocuciones teóricas entre las líneas de errancia de Fernand Deligny, como punto de partida cartográfico, y la idea de legibilidad de Georges Didi-Huberman, como postura metodológica situada en la lectura política de imágenes. En este encuentro entre Deligny y Didi-Huberman, se revela un tipo

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Paraná (PPGGeo/UFPR), janainaggt@gmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestra em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Professora do Setor de Educação, e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, PR, karinapont@ufpr.br



de atención a las imágenes que se pretende producir, junto a las niñas y los niños autistas, que no tendrá como finalidad integrarse al discurso medicalizante, sino asegurar la presencia de otros modos de existencia que no se dejan capturar por la narrativa de la anomalía. Se busca aproximar el debate epistémico de la Geografía de la Salud, a través de registros visuales que puedan producir elementos para una discusión sobre la despatologización de la vida. Se espera contribuir al análisis de los espacios alimentarios y geográficos que se abren a la legibilidad de las imágenes, identificando en los registros la potencia de las subjetividades de vida de las niñas y los niños autistas.

Palabras clave: Niñas y niños autistas, Imágenes, Legibilidad, Líneas de errância, Espaço alimentario.

INTRODUÇÃO

O século XX conforma um período de avanços substanciais para a discussão da Geografia no território brasileiro. Desde a referida época, até o tempo presente, houve uma revigoração dos debates e a denominação de ‘Geografia da Saúde’ – episteme que é fio condutor da pesquisa em questão – igualmente, adensou o pensamento geográfico no Brasil, anunciando seu caráter crítico, considerando o bojo de elementos sociais, econômicos, políticos e culturais para pensar a promoção da saúde nos territórios.

O expoente da Geografia da Saúde no Brasil foi Josué de Castro, com sua obra *Geografia da fome: O dilema brasileiro: pão ou aço*, de 1946. Castro (2020 [1946]) ao utilizar do método geográfico para denunciar o fenômeno social da fome no país, superou os determinismos (ambientais e/ou biológicos) que pautaram o que se conhecia como ‘Geografia Médica’, que prevaleceu até meados do século XX, e revelou uma episteme outra, preocupada com a alimentação e com a saúde como práticas sociopolíticas, que produzem territórios e são produzidas por eles.

Enquanto a Geografia da Saúde encontrava nas corporeidades dos sujeitos os elementos para pensar a democratização do acesso à saúde, algumas abordagens clínicas, médicas e/ou psiquiátricas, inversamente, voltavam-se para um movimento expressivo de medicalização (Maleval, 2017). Além disso, promoviam o avanço de fármacos e de diagnósticos, instrumentos que progressivamente carimbaram a patologização nos sujeitos, sem o devido respaldo científico e ético na ostensiva dessa problemática. Entre os sujeitos alvos dessa patologização estavam aqueles do Transtorno do Espectro Autista (TEA), grupo que ao longo dos anos recebeu diversas denominações nas concepções clínicas. Diferentemente das designações do prisma deformante da psicose (Maleval, 2017), neste texto os sujeitos autistas são compreendidos enquanto corpos que carregam subjetividades da condição humana, entendendo, outrossim, que a condição de saúde deve ser politizada e não patologizada.



Diante do exposto, situa-se o presente texto como recorte da pesquisa de doutorado em andamento³, que tem como questão mobilizadora a problematização sobre as garantias, do ponto de vista das práticas institucionais, sobre segurança alimentar para que crianças autistas possam conformar sua autonomia do ‘espaço social alimentar’ (Poulain; Proença, 2003) nos Centros de Educação Infantil Municipal (CEIMs) de Pinhalzinho (SC).

As relações alimentares das crianças autistas – muitas vezes marcadas por características de seletividade – revelam modos singulares de existência que acabam sendo frequentemente negligenciados e que tensionam os padrões normativos de alimentação. Neste texto, busca-se construir reflexões que não patologizam essas subjetividades, pelo contrário, as reconhecem enquanto formas legítimas de ser e estar no mundo. Dessa maneira, entende-se a alimentação, na Geografia da Saúde, não apenas como um indicador nutricional, mas também como um indício de vida que expressa as diversas formas socioculturais de existir das infâncias autistas.

É neste sentido que se aposta na interlocução entre e com as perspectivas do educador e etólogo Fernand Deligny, e do filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman. Na tentativa de estabelecer diálogos entre os autores, enseja-se costurar os fios ao debate que pode compor o bojo de discussões da Geografia da Saúde, no que versa sobre a despatologização da vida. Ao pesquisar com crianças autistas e dar vazão às múltiplas linguagens – muitas vezes não verbais – pelas quais as mesmas produzem suas espacialidades no mundo, aposta-se na produção imagética que as crianças poderão elaborar para “pensar a realidade através de outros dispositivos (...) valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formadores e criadores de realidade” (Costa, 2014, p. 70).

Para tal, ancora-se na significância que as imagens atribuem a cosmologia de mundos dos sujeitos, sobretudo quando lidas a partir de perspectivas que conferem aquilo que Didi-Huberman (2020) ampliou do conceito benjaminiano e propôs enquanto um exercício profundo de legibilidade. Ressalta-se a tentativa epistemológica com o potencial encontro da produção de imagens que será proposta com as crianças autistas enquanto dispositivos de linguagens como “testemunhos” (Didi-Huberman, 2020) de sua autonomia alimentar. Significa, pois, pensar e legitimar a produção geográfica do espaço alimentar dessas crianças nas escolas, uma vez que suas condições de alimentação podem anunciar a existência (ou não) da garantia das práticas institucionais sobre segurança alimentar.

³ O trabalho constitui parte do projeto da pesquisa de doutorado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, beneficiado com bolsa do Programa Excelência Acadêmica (PROEX) da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



Tais prerrogativas podem ser compreendidas em outra reflexão que é suscitada por Didi-Huberman, quando o autor nos convoca a captar nos gestos não visíveis em primeiro olhar, as minúcias dialéticas “pelas melhores e pelas piores razões” (Didi-Huberman, 2020, p. 41) que as imagens nos revelam, conferindo-as legibilidade no sentido de estabelecer múltiplas ressonâncias de significados daquilo que não é imediatamente legível no visível (Didi-Huberman, 2015).

Da mesma forma, ao conviver com crianças autistas, entre os anos de 1968 até o período de sua morte, em 1996, em Cévennes, região rural no sul da França, Deligny (2015 [1982]) propõe uma cartografia que dialoga com os gestos (também instigados em Didi-Huberman) e com os trajetos errantes das crianças. Tal registro cartográfico consistiu-se em mapas das linhas de errância⁴ das crianças autistas que construíam diariamente o tecer de uma teia, denominada pelo autor de ‘rede aracniana’. A mesma é conformada pelos movimentos de deslocamento das crianças em percursos espontâneos pelos espaços que não possuíam nenhum objetivo utilitarista em/de seus caminhos.

Ao não cumprir com uma finalidade utilitarista, as crianças superaram o “projeto pensado”, concebido por Deligny (2015 [1982]), como o conjunto de práticas normalizantes que ditavam aquilo que era lido como comportamento aceito socialmente. As crianças autistas, ao traçar os fios da teia em suas representações cartográficas, constituíam as linhas de errância, entendidas como subversivas em um mundo historicamente construído por padrões de “normalidades”, que exclui de suas projeções os comportamentos considerados anormais e que fogem a “regra”. Foi pela prática dos trajetos errantes que as crianças autistas, mesmo sem estar conscientes de tal resistência, colocaram-se contrárias às lógicas de normalização dos corpos (Coelho; Limongelli; Gallo, 2023).

Neste sentido, através da tentativa de construir um conjunto das geograficidades alimentares junto às crianças autistas dos CEIMs de Pinhalzinho (SC), enseja-se refletir, neste texto, sobre a relação teórico-metodológica entre Deligny e Didi-Huberman, buscando nesse encontro entre os autores, os aspectos de discussão sobre a legibilidade das produções imagéticas como expressão de espaços alimentares das crianças autistas. Esta discussão, que se adensa no caminho metodológico, tem possibilitado pensar a importância das imagens diante de um mundo onde as infâncias autistas expressam-se, muitas vezes, por sentidos e manifestações não verbais.

⁴ Segundo Miguel (2024) esse termo, “*lignes d’erre*”, em francês, denota sentido de não direção, do não controle aos gestos das crianças, significando, desta forma, um sentido derivado, do devir.



METODOLOGIA

Para alcançar a interlocução entre a cartografia das errâncias de Fernand Deligny, a ideia de legibilidade de Georges Didi-Huberman e a abordagem despatologizante sob viés da Geografia da Saúde, a pesquisa tem como intencionalidade metodológica a imersão em campo, junto das crianças autistas que frequentam os CEIMs de Pinhalzinho (SC). Para tal, adota-se a cartografia enquanto metodologia de pesquisa, e pelo compromisso ético-político, ou seja, assume-se o estar em campo e a produção da pesquisa como vivências de “múltiplas dimensões, num movimento ético de porosidade e composição” (Costa, 2020, p.13) entre a pesquisadora e as crianças participantes do estudo.

A cartografia enquanto metodologia, conforme propõe Costa (2020) tem por intuito sensibilizar a leitura que se faz das linhas que compõem os caminhos, as subjetividades e as singularidades dos indivíduos que estão na construção da pesquisa. Neste sentido, busca-se também, enquanto pressuposto metodológico, aquilo que Pink (2009) denominou como “etnografia sensorial”, ferramenta que entende o corpo enquanto escala central por onde as práticas institucionais a ser verificadas são operacionalizadas no espaço e por onde se atravessam as interseccionalidades (de raça, classe, gênero e etc.) da multissensorialidade corpórea. A captura – ou, então, a legibilidade do revelar destes sentidos – aproxima-se da leitura deligniana na compreensão da importância dos mínimos gestos das crianças autistas (Deligny; Manenti; Daniel, 1971).

Essa espinha dorsal metodológica se faz necessária pois, uma vez imersa em campo, a partir de uma postura de pesquisadora-cartógrafa “ao modo caranguejo” (Costa, 2020, p. 19), abre-se a possibilidade de construir caminhos coletivos, lado a lado, com as crianças, sobre como e de que forma registrar os traços que poderão constituir a legibilidade e a autonomia do rizoma de suas cartografias alimentares.

Ressalta-se que para esta etapa de pesquisa, em decisão conjunta com setores institucionais da Secretaria de Educação de Pinhalzinho (SC), o recorte metodológico está organizado para acontecer junto a dois CEIMs do município: um deles, com quatro crianças autistas diagnosticadas, refere-se a um centro de educação infantil localizado em um bairro construído historicamente na periferia da cidade e que recebe, sobretudo, crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica e também crianças imigrantes. Por outro lado, o segundo CEIM escolhido para a pesquisa atende 14 crianças autistas, e trata-se de um centro de educação infantil tradicional do município, frequentado por crianças filhas da classe trabalhadora que transitam, economicamente, até a classe média de Pinhalzinho.



Desta forma, ao assumir a cartografia enquanto premissa processual metodológica, com o recorte de campo previamente definido e apresentado, pretende-se estar com as crianças, no território escolar, com a finalidade de produzir conjuntamente os exercícios de imaginação que possam esboçar com os rabiscos, com as linhas e com os movimentos de registros errantes, as imagens de afetação das crianças com/sobre suas subjetividades alimentares.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta dialogia de reivindicar a vida sob viés despatologizante, encontramos também nas expressões das crianças autistas, que sobrepõem vivências em trajetos errantes, a conformação de cartografias registradas por Deligny (Almeida, 2024; Miguel, 2024). Os traços dessas infâncias dissidentes convocam pensar a manifestação das subjetividades, superando a medicalização da “anomalia” e, ainda, a exclusividade da linguagem verbal. Ao trabalhar com crianças autistas não verbais – característica que compõem também a identidade de algumas das crianças protagonistas da pesquisa em questão – Deligny (2015 [1982]) identifica outras exteriorizações das crianças, que não acontecem pela fala, mas sim, pelo gesto.

Os gestos, segundo as reflexões de Miguel (2024) são signos não imbuídos de alguma significação dada, mas que servem para situar e dar compasso àquilo que as crianças realizam cotidianamente. Os gestos, nesse sentido, manifestam os tempos das crianças autistas nos espaços em que estas ocupam, sendo seus corpos os próprios vetores de inscrição nas linhas de errância. Importa ao etólogo francês o registro da cartografia dos mínimos gestos pois, segundo ele, “não é tão cedo que a geografia do corpo deixará de ser predominante” (Deligny, 2015 [1982], p. 152). Esse corpo, importando, portanto, à Geografia, assume extensão peninsular com o próprio espaço geográfico e com as extensões que este espaço compõe, tal qual, o espaço da alimentação.

Almeida (2024) sugere pensar o espaço articulando a interdisciplinaridade dos campos de conhecimento que atravessam o corpo da criança autista: clínica, arte, filosofia e política – e com esta pesquisa adicionamos também a geografia. Edificar juntas estas áreas de análise, significa superar o olhar isolado sobre a criança autista no espaço escolar, convocando refletir sobre como o espaço se organiza, através das práticas institucionais e das políticas públicas de segurança alimentar, para atender as demandas alimentares dessas crianças. Miguel (2024) discorre sobre essa relação espacial do corpo autista nos lembrando de que estas crianças têm sua própria escrita corporal singular, que, muitas vezes, estão esvaziadas de sentidos utilitaristas. Por isso, importa sublinhar uma trama espacial onde as crianças se sintam



permitidas para sua escrita corporal autoral diante do espaço, livremente, sem recorrer a um excesso de significação que possa coagir seus modos de ser (Miguel, 2024).

Trata-se, então, refletindo com Miguel (2024), de identificar quais são as práticas institucionais e as políticas públicas de segurança alimentar que viabilizam a presença desses corpos no espaço da alimentação de maneira acolhedora, isto quer dizer que não se implicam as trocas entre os sujeitos, necessariamente, mas sim, o espaço geográfico enquanto mediação da expressão dessa simbiose entre (o próprio) espaço, o corpo autista e sua autonomia e segurança alimentar. Miguel (2024) sinaliza que Deligny compreende essa relação em uma prática cotidiana denominada de “instalação de espaços de vida” que excede, inclusive, a norma verbal da linguagem, buscando “nessa abordagem da tentativa, de localizar uma outra geografia” (Miguel, 2024, p. 72).

Da mesma forma, questiona Almeida (2024), como e o que as crianças autistas não verbais nos convidam a refletir quando deslocam seus espaços, seus trajetos, suas redes, sem passar pelo sentido da fala? O autor afirma que essa discussão, da relação entre o devir autista e a cartografia do espaço que a criança conforma em seus trajetos, podem construir pistas de como projetar o espaço geográfico para a produção da saúde (Almeida, 2024), do bem-viver da criança autista – e, portanto, também, da sua própria alimentação. Embora o referido autor se posicione desde a perspectiva da Psicologia, emprestamos sua reflexão para pensar, igualmente, a promoção da saúde na Geografia, sobretudo, ancoradas na perspectiva da despatologização dos corpos das crianças autistas e a saúde alimentar das mesmas no espaço escolar.

Diante dessa reflexão, o conceito de legibilidade, fundamentado nas proposições de Didi-Huberman (2020), nos importa para pensar essa relação através das imagens, conferindo a profundidade da percepção de sentidos éticos, enquanto documentos históricos [as imagens] do estado do lugar e do estado do tempo dos registros que estas produzem. Deligny, ao trabalhar com as imagens, rejeita aquelas que tendem a representar algo de maneira estabelecida e busca, em sua pedagogia, construir um repertório de imagens que esteja aberto à presença, dos corpos, dos gestos, dos objetos (Miguel, 2024). Em diálogo, Didi-Huberman e Deligny propõem, cada um em seu tempo e em seu contexto, uma leitura de imagens que revelam aquilo que permanece desconhecido nas narrativas do olhar. Na ótica deligniana, mais do que registrar, as imagens auxiliam a multiplicar perspectivas, superando o risco de uma imagem cair em um discurso único (Miguel, 2024).

Ao pesquisar com crianças autistas e dar vazão para outras expressões – muitas vezes não verbais – pelas quais as mesmas produzem suas espacialidades no mundo, aposta-se na imaginação geográfica (Massey, 2017) que as cartografias alimentares podem revelar. As



crianças, dessa forma, podem ter a possibilidade de “pensar a realidade através de outros dispositivos (...) valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formadores e criadores de realidade” (Costa, 2014, p. 70). As imagens, de acordo com a médica psiquiatra Nise da Silveira (1981), ao serem transferidas do imaginário para o papel, comunicam as possíveis e distintas percepções de mundo dos sujeitos – neste caso, das crianças autistas – sob diversas condições de subjetividades de existência.

Trata-se de propiciar um espaço de criação onde as crianças possam exprimir sua subjetividade (Miguel, 2024), ressignificando a existência delas mesmas em seus respectivos espaços alimentares na escola. Para isso, segundo Miguel (2024), é preciso que a mediação desta atividade deixe claro a ruptura com a ideia da inadaptação das crianças, ativando, por outro lado, o imaginário comum que se pode construir coletivamente.

Neste caminho, as imagens aparecem não como meras ilustrações do cotidiano, mas enquanto verdadeiros registros para produção de sentido. Ao dialogar com Didi-Huberman (2020), para pensar o conceito de legibilidade, entendem-se as imagens como arquivos vivos, carregados de tempos, espaços e subjetividades no que tange à alimentação escolar, que podem ser deslocados e remontados. Neste sentido, as imagens auxiliam a rearmar os olhos (Didi-Huberman, 2020) e o espaço geográfico para o real, para trazer à baila o imaginário geográfico (Massey, 2017) das crianças autistas sobre a alimentação, em uma perspectiva que não descola a remontagem da subjetividade diante das políticas públicas de segurança alimentar operacionalizadas na escola.

No entendimento de Deligny, a elaboração de imagens pode ser uma ferramenta que corrobora no entendimento da realidade de outras formas pelas perspectivas autistas e a compreender melhor a reconstrução do espaço por suas próprias narrativas (Miguel, 2024). Ao propor essa reflexão, transversalizando escola, saúde e alimentação de crianças autistas em concepções delignianas, assinalamos, também, uma questão suscitada por Almeida (2024, p. 29):

(...) através de quais instrumentos podemos nos aliar às crianças de modo que elas nos deem pistas para reconhecer essa multiplicidade de outros espaços? A inspiração para responder estas perguntas está no modo como a arte perturba os conceitos e as tradições da sociedade, na forma como a criança perturba igualmente as instituições e os saberes instituídos.

Nessa cartografia, junto da premissa metodológica que já sinalizamos nas linhas deste texto, enquanto professoras-pesquisadoras, emprestamos também a postura de ‘pessoa educadora’ que Deligny denomina enquanto “criadora de circunstâncias” (Resende, 2017),



produzindo imaginários que criem pontes pedagógicas com as subjetividades das crianças autistas. Para alcançar a criação desse conjunto de imagens, assinalamos proposições teórico-metodológicas geográficas que dialoguem com as infâncias, sobretudo, autistas. Pensar a criança no espaço geográfico, segundo Lopes (2008), é considerar que essa vivência infantil está sendo constantemente atravessada pelas dimensões espaço-temporais e que, ao permear-se por essas categorias, da mesma forma, a criança devolve ao mundo novos arranjos culturais, impregnados de múltiplos traços errantes, oriundos de suas experiências.

É nessa criação infantil que, igualmente, aposta Deligny (2015 [1982]) durante seu convívio com as crianças autistas. É preciso confiar à estas crianças os arranjos cartográficos que elas mesmas produzem diante do espaço geográfico que habitam, cuja cultura espacial não passa necessariamente pela centralidade do “eu”, mas que propõem, isto sim, uma produção coletiva de vida (Miguel, 2024). Nesse sentido, Miguel (2024) evidencia que, ao valorizar o gesto da criança e criar novas situações coletivas, ocorre um deslocamento das categorias escolares instituídas, normatizadas, nas quais a implicação da turma como um todo se mostra mais determinante do que a ação direta do professor sobre o aluno. Tal reflexão pode ser estendida às condições que se criam, via espaço geográfico, para consolidação do espaço alimentar das crianças autistas.

A partir da proposta de Deligny (2015 [1982]), pode-se dizer que a presença próxima da pessoa educadora criadora de circunstâncias exige uma suspensão dos saberes instituídos e adultocêntricos que tendem a capturar o corpo da criança, por meio de dispositivos de poder e regimes institucionalizados enquanto normas e/ou verdades absolutas de vivenciar o espaço geográfico. Segundo Moruzzi e Abramowicz (2023), no lugar da reprodução axiomática do mundo neoliberal – que se conecta as formas de controle e aos discursos institucionais excludentes – é preciso escutar as crianças superando o olhar da castração, do poder absoluto de um sistema que as classifica e que, portanto, as normatiza de forma unilateral.

Desta maneira, estar próximo, como sugere Deligny, implica resistir à interpretação sobre as crianças a partir dos moldes que já nos são dados, permitindo que outros modos de existência possam emergir, sem serem abafados por saberes que buscam falar em nome delas (Miguel, 2024). Sendo assim, pensar a produção de imagens das crianças autistas requer articular, ontologicamente, ferramentas que possam corroborar na criação de um processo de imaginação (Miguel, 2024) que seja protagonizado pelas crianças, pelas suas linhas de errâncias, a partir da relação alimentar que se conforma no espaço escolar.

Para aguçar a imaginação geográfica, inspirada em Massey (2017), é preciso posicionar-se, epistemologicamente, a partir de teorias, diálogos e perspectivas que estejam



constantemente “criando os muitos espaços dentro dos espaços, que vão trazendo escalas que vão de cantos, frestas às ruas inteiras (...) pelo enunciado infantil (...) os fiapos que saem de todas as linhas de romãs” (Lopes, 2024, p. 19 e 33), que costuram distintos retalhos de infâncias, formando uma grande colcha das experiências alimentares autistas.

A partir da ideia do ‘conhecimento situado’ de Donna Haraway (2009 [1987]), refletindo – e concordando – com a filósofa sobre a relação indissociável de nosso objetivo aos nossos instrumentos políticos e teóricos de trabalho (Donna Haraway, 2009 [1987]), ao nos posicionarmos desde a postura feminista para a pesquisa, buscamos por perspectivas teóricas, epistemológicas e metodológicas que nos auxiliem a pensar as diferenças da deficiência (especificamente do autismo) através de um olhar crítico. Para isto, adotamos também a interlocução com os estudos feministas sobre a deficiência que, em direção oposta ao que opera o discurso hegemônico, sugerem a autonomia de pessoas dissidentes (neste caso, as crianças autistas) a partir da coalizão de narrativas insurgentes (Gesser; Moraes; Vale, 2024), rompendo com o projeto colonial morfológico dos corpos que, segundo Gesser, Moraes e Vale (2024) construiu suas bases em aspectos capacitistas, hierárquicos, patriarcais e racistas.

Desta forma, apostamos em uma geografia situada na autonomia das infâncias autistas, pela presença próxima, a partir de uma ética feminista e antipacitista, com o uso de imagens e gestos como linguagem e pelo deslocamento das categorias escolares e o protagonismo infantil nas relações alimentares. Pretende-se, assim, a produção de um arcabouço de imagens, com base nas lentes enunciadas por Fernand Deligny (Deligny, 2015 [1982]; Almeida, 2024; Miguel, 2024), situadas para a realidade dos espaços escolares da investigação. Segundo Miguel (2024, p. 84):

Essas diferentes formas de documentação certamente envolvem um componente observacional, mas não são instrumentos concebidos para produzir uma teoria positiva acerca do autismo. São meios de contrapor-se à suposta neutralidade externa do saber psiquiátrico sobre indivíduos ditos “anormais”; são meios para subverter as formas usuais de representação; são, enfim, ferramentas reflexivas usadas em uma situação local e específica. Reflexividade e múltipla arquivização aparecem aqui dentro de uma prática coletiva de perspectivização e de invenção de mundos que implicam graus de ficção.

Deligny sugere como ação primeira a construção de um “inventário dos costumes, dos gestos e agires dessas crianças autistas como se uma outra cultura estivesse sendo descrita” (Miguel, 2024, p. 61) em diálogo com os disparadores que motivam essas atitudes, suas formas de acontecer, de se organizar e de criar um espaço geográfico vital. Portanto, pensar a produção de imagens das crianças tem por base a criação de dispositivos de mediação que não pretendem corrigir, “normalizar” ou interpretar as crianças, mas sim, aproximar, escutar e criar junto a



elas. As estratégias pedagógicas, teóricas e metodológicas mobilizadas, operam como frestas inventivas, por onde as experiências das crianças autistas podem emergir sem serem capturadas pelos saberes instituídos como regra. Trata-se, assim, de afirmar uma prática geográfica situada, em que a presença próxima, os gestos e os traços das crianças autistas convidam para pensar formas outras de se relacionar com o espaço geográfico e social alimentar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As linhas de errância das crianças autistas, cartografadas por Deligny (2015 [1982]), tensionam a rigidez geográfica dos conceitos de território e de espaço enquanto poder/domínio. Ao apresentar os trajetos errantes, o etólogo francês supera as fronteiras delimitadas do caminhar para gestos que revelam a presença, a lógica não utilitarista e, potente, de vida de crianças que rompem com a narrativa do projeto pensado em premissas de controle dos corpos.

Partindo dessa relação deligniana, ao convocar a concepção da legibilidade de Didi-Huberman, tem-se a intenção de investigar nas/com as imagens elucidadas pelas crianças autistas dos CEIMs de Pinhalzinho (SC) as possibilidades de anunciar outras formas de ocupar e produzir o espaço geográfico através da alimentação.

Ademais, também é possível aproximar o debate epistêmico da Geografia da Saúde, que não ignora e nem anula os sintomas dos corpos que produzem espaço e por ele são produzidos, mas que enfatiza, isso sim, a potência de vida que existe nas errâncias de crianças autistas em seus espaços alimentares escolares.

A partir desta enunciação, que nos ajuda a pensar com as proposições teórico-metodológicas dos autores supramencionados, espera-se seguir a construção da pesquisa, aprofundando as interlocuções teóricas que apontam para a importância do uso crítico de imagens na ciência geográfica. Enfatiza-se, neste caso, a intenção de que as imagens possam, ao longo da pesquisa, reverberar enquanto ferramentas científicas para o campo da Geografia da Saúde, oferecendo subsídios de discussões que coloquem os traços das crianças autistas enquanto um dos elementos centrais para construção da discussão de uma geografia voltada à produção da saúde alimentar das infâncias autistas nos espaços escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trama cartográfica que se pretende enunciar através da legibilidade que poderá aparecer pelas imagens inventivas das crianças autistas é uma tentativa inicial da presente



pesquisa de doutorado, ainda em andamento, em articular as linhas de errância enquanto práticas cotidianas alimentares, permeadas por uma leitura crítica diante da diferença, através da perspectiva dos estudos feministas e anticapacitistas sobre a deficiência. Significa, desta forma, uma postura ontológica que se dedica a acompanhar, ao invés de interpretar, escutar, no lugar de limitar ao diagnóstico e, ao sentido contrário de reduzir a anomalia, em criar circunstâncias inventivas de outras possibilidades de vivenciar o espaço alimentar escolar.

Trata-se de um tipo de atenção que não tem por finalidade integrar-se a norma, mas revelar a presença de modos de existência que não se deixam capturar pela lógica patologizante. Não se trata de negar os diagnósticos, mas de tentar encontrar, na produção de imagens a ser construída, os testemunhos que sobrepõem na vacância da linguagem outros signos de expressão, indicando pistas para compreender os múltiplos mundos das crianças autistas pelas criações imagéticas e geográficas de suas cartografias alimentares.

Para concluir, mas sabendo que ainda há um longo caminho a ser percorrido nos trilhos que constroem a tese que se almeja, sinaliza-se que esta escolha metodológica, que compõe parte de um arcabouço de objetivos a serem investigados, aponta para potencialidades de aproximação teórica com o campo epistêmico da Geografia da Saúde. Compreende-se ainda o amálgama da interdisciplinaridade que conforma o escopo da pesquisa, uma vez que a produção de imagens que se pretende construir, dialoga com diversos campos do conhecimento que convidam áreas da Saúde, da Educação e das Artes para alargar debates, no leque geográfico, auxiliando assim na promoção da saúde alimentar das crianças autistas nos espaços geográficos escolares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. R. de. **CLÍNICA DO ESPAÇO**: infância, autismo e cartografia. 2024. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Niterói (RJ). 2024.

CASTRO, J. **Geografia da Fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. São Paulo: Todavia, 2022. [1.^a ed: 1946]

COELHO, O. P; LIMONGELLI, R; GALLO, S. Incuráveis! Normalização dos corpos e descolonização das infâncias e das juventudes. In: MIGUEL, M.; ROCHA, M. (ed.). **Cadernos Deligny**. Encontro Fernand Deligny. volume II /n. 2. 2023. Disponível em: <http://encontrodeligny.org/2023/12/20/cadernos-deligny-vol-2-num-2-2023/>. Acesso em: 03 abr. 2025.

COSTA, L. B. da. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**. Edição 15. 2020. Disponível em:



<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em: 07 abr. 2025.

COSTA, L. B. da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital Do LAV**, 7, (2), 2014, p. 66–77. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 07 abr. 2025.

DELIGNY, F. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: n-1 edições. 288p. 2015.

DELIGNY, F.; MANENTI, J.; DANIEL, J.P. **O MÍNIMO gesto**. Produção audiovisual. [S. l.]. 1971.

DIDI-HUBERMAN, G. **Diante do tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, G. **Imagens apesar de tudo**. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2020.

GESSER, M.; MORAES, M. O.; VALE, G. M. do S. M. do. Decolonizar a capacidade, latinizar os estudos feministas da deficiência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 32, n. 3, e101138, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/101138>. Acesso em: 02 fev. 2025.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 25 fev. 2025.

LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografia das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. **Contexto e Educação**. Editora Unijuí Ano 23 nº 79 Jan./Jun. 2008.

LOPES, J. J. M. **Atrás da Porta**: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças. São Carlos: Pedro & João Editores. 2024.

MALEVAL, J. C. **O autista e a sua voz**. São Paulo: Blucher. 2017.

MASSEY, D. A mente geográfica. **GEOgraphia**. Dossiê Doreen Massey. Niterói, Universidade Federal Fluminense. ISSN 15177793 (eletrônico). v. 19, nº40, mai/ago: 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798>. Acesso em: 05 fev. 2025.

MIGUEL, M. **Fernand Deligny e as ecologias do humano**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2024.

MORUZZI, A. B.; ABRAMOWICZ, A. Pode a criança falar? Sobre feminismos subalternos, infâncias e educação infantil. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 71–82, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.64513. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/64513>. Acesso em: 02 mai. 2025.



PINK, S. Doing Sensory Ethnography. **SAGE Publications** Ltd. City: London. 2009.

Disponível em:

https://dl1.cuni.cz/pluginfile.php/630586/mod_resource/content/1/Pink%2C%20Sarah.%20Doing%20Sensory%20Ethnography.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.

POULAIN, J. P.; PROENÇA, R. P. C. O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. **Rev. Nutrição**, Campinas, 16 (3), p. 245-256. 2003.

Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/nutricao/article/view/9138>. Acesso em: 18 jun. 2024.

RESENDE, N. O mapa terrestre antes do mapa celeste - o espaço como comum em Deligny.

Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41720>. Acesso em: 22 set. 2024.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra. 3ª ed. 1981.